

L U I S   R O M A N O

*For meus Queridos Irmãos  
- Alhamarino (Caboverde Brasil)  
Sr. Saundiche e Sr. Helio Soares  
a minha mãe "MORABESA"*

*Emmanuel  
10.9.66  
NATAL*

EVOCAÇÃO DE PORTUGAL  
E PRESENÇA DO BRASIL NA  
LITERATURA CABOVERDIANA

A N A L I S E

Conferência proferida na ACADEMIA NORTE RIO-GRANDENSE DE LETRAS, Natal e na FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS — em 29.1.1963, em Mossoró.

Apresentação do Escritor EDGAR BARBOSA

COLEÇÃO MOSSOROENSE

N.º 21



PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
COLEÇÃO MOSSOROENSE — SÉRIE B — NÚMERO 81

---

LUIS ROMANO

EVOCAÇÃO DE PORTUGAL  
E PRESENÇA DO BRASIL NA  
LITERATURA CABOVERDIANA

MOSSORÓ

1966

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MOSSORÓ  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
CAMPUS DE MOSSORÓ - SÉRIE B - VOLUME 21

J. J. ALMEIDA

LITERATURA CABOVERDIANA  
E PRESENÇA DO BRASIL NA  
EVOCAÇÃO DE PORTUGAL

1961

DO AUTOR:

NÔVO POETA DAS "ILHAS DE CABO-VERDE" — (Crítica):  
(In Revista Brasiliense, n.º. 38, Novembro — Dezembro de 1961

FAMINTOS—(Romance de um Povo)—Ed. Leitura, Rio—1962

CLIMA — (Poemas) — Imprensa Oficial — Recife — 1963.

SURTO DE LIBERTAÇÃO DA NOVA ÁFRICA — (Confe-  
rência): (In Revista Brasiliense, n.º. 48, Julho—Agosto de 1963.

CABO VERDE — elo antropológico entre a África e o Brasil:  
— (Conferência), In arquivos do Instituto de Antropologia —  
RGN — n.º. 1 — 1964 e In Separata da Revista "Ocidente" vo-  
lume LXVI, n.º. 312 — 1964.

FIXAÇÃO DO JUDEU NA ÁFRICA — (Conferência), In Ar-  
quivos do Instituto de Antropologia — RGN — n.º. 2 — 1964  
e In Separata da Revista "Ocidente", volume LXVII — n.º. 316  
— Lisboa — 1964.

ASPECTOS DO SAL NA HISTÓRIA E NA ANTROPOLOGIA  
CULTURAL — (Conferência) — 1964 In Separata da Revista  
"Ocidente" n.º. 323 — Lisboa, 1965.

*no prelo: "Cabo Verde, existência de uma civilização"*  
A PUBLICAR: *"O Lacerário-Médico" - in "Ocidente" Lx.*

NEGRUME — (Contos) —

CONTACTOS — Crítica Literária e Impressões) —

VESTIGIOS ARÁBES NO NORDESTE — (Estudos) —

EM PREPARAÇÃO:

AR SALGADO — (Romance do Salineiro Nordestino) —

GLOSSÁRIO para um Dicionário Caboverdiano — (pesquisa)

Le problème noir au Brésil — (Estudo) —

COLHEITA DE TERMOS ARCAICOS NO NORDESTE BRA-  
SILEIRO — (pesquisa) —

MANUAL DO FEITOR SALINEIRO — (Tratado).—



## A VIDA CULTURAL EM CABO-VERDE E SUAS INTERAÇÕES COM PORTUGAL E BRASIL

Edgar Barbosa

Devo, antes de tudo, agradecer ao Presidente desta Casa — ACADEMIA NORTE RIOGRANDENSE DE LETRAS — o escritor Manuel Rodrigues de Melo, a honraria que ora me concede, designando-me para apresentar, aos amigos das boas letras, o Poeta e Romancista Caboverdiano LUIS ROMANO. Dispensável se faria qualquer apresentação se a etiqueta acadêmica não o pedisse, pois norte-riograndense já se tornou LUIS ROMANO, por espontânea e entusiástica adesão ao nosso povo, aos nossos sentimentos e aspirações. Conterrâneos da autoridade de LUIS DA CÂMARA CASCUDO, NILO PEREIRA, VERÍSSIMO DE MELO, críticos nacionais como VIRGINIUS DA GAMA E MELO, STELLA LEONARDOS e EULÍCIO FARIAS DE LACERDA, têm, frisado na obra de LUIS ROMANO seu cunho brasileiro e particularmente nordestino. Tão certo é que os ventos de CABO-VERDE sopram no Nordeste e que uma série de afinidades ecológicas, de sentimentos e desgraças nos irmanam. Os dois livros de LUIS ROMANO, publicados depois de chegada ao Rio Grande do Norte, o romance “Famintos”, e os poemas de “Clima”, são mensagens de um artista imbuído de um forte espírito de solidariedade humana. No romance, as cenas, os casos, as impressões e as lembranças confundem o homem com a terra da Ilha Sem Nome, ambos se abraçam e engendram uma paisagem que se desvenda aos nossos olhos como nos quadros dos primitivos, sem mágicas nem artifícios de perspectivas. Nos poemas de “Clima”, a nostalgia da infância, a piedade cristã, o amor aos pobres e aos simples têm, conforme acentuou NILO PEREIRA, muito de franciscanismo, “dessa doçura que fêz do Poverelo um outro Cristo”. Há sentimento filosófico que com naturalidade transparece na ficção e na poesia de LUIS ROMANO. A revolta, por mais que dê dramacidade ao assunto, é comedida com a indignação de um gentil-homem, que LUIS ROMANO o é da cabeça aos pés.

Esse aspecto de sobriedade na forma e elavação no conteúdo lírico de toda a mensagem do autêntico intelectual que vamos ouvir, imprime à sua obra uma austeridade que se liberta das rudezas verbais do neo-realismo e também daquele instinto mórbido de retratar perversões, que é, no conceito da nova crítica, o traço marcante da Literatura Contemporânea. Devemos felicitar-nos por haver o Rio Grande do Norte acolhido LUIS ROMANO como se ele fôsse um conterrâneo que aqui voltasse depois do longo periplo, da grande circunavegação que empreendeu. Sua viagem e sua aventura é um pouco da nossa, vivida mais no espírito na trivial realidade que nos assedia e nos afoga. Por isso ele nos traz de CABO-VERDE seu arquipélago, as sementes da infância, as "mornas" e as canções de ritmo e poesia tão nossos, nomes que ouvimos imaginando iates, gôndolas, faluas, jangadas gemendo as cantigas de gageiros e arfando nas enseadas de países distantes. Mas, nessa evocação, um sôpro da poesia universal, que sempre vem dos longes da saudade e do sofrimento, tem o perfume selvagem dos versos do nosso Itajubá e eis porque LUIS ROMANO nos vai falar ao mesmo tempo de uma Literatura Atlântica com fundamentos Caboverdianos e do mistério que irmana essa literatura com a região desesperada do Nordeste. O romancista e o poeta inspirarão o etnógrafo nesta conferência que honra a ACADEMIA e confere a LUIS ROMANO o privilégio de ser sempre bem-vindo a esta Casa.



## EVOCANDO PORTUGAL

Lembrar, com saudades,, uma longa ou fortuita passagem por Portugal, é o dever de todo aquêles que traz no sangue os salpicos emocionais e ancestrais da sua origem lusitana.

Evocar carinhosamente a terra que o foi berço dos nossos antigos, é prestar homenagem filial a um rincão portador de um dos nomes mais gloriosos entre as nações modernas: Portugal!

Patria de valentes e piedosos, há nela, embora em miniatura, tudo quanto se poderá admirar, disperso em outras plagas.

Não foi sem razão que um poeta comparou Portugal ao "Jardim de Europa à beira-mar plantado", porque, de fato, quem contemplar suas paisagens, desde a província do Minho às praias do Algarve, depois de conhecer outros países, de certo vos dirá que dificilmente existe recanto no mundo onde se concentrou tanta beleza natural com suavidade e variante coloridas, num clima excepcional.

E, para acentuar o exotismo local, a todo o instante, descobrem-se castelos medievais escondidos entre tufos de verdura, ou conventos altaneiros debruçando-se nos píncaros das serranias. Aquí, à beira do matagal, uma Sé com suas reminiscências ainda de era dos visigodos, ou, dos templários. Acolá, uma ponte romana, vetusta na sua massa, a desafiar os séculos. Mais além, palácios encantados cheios de lendas, a lembrar façanhas romanescas ao som da música dos primeiros trovadores, perdurando até hoje as histórias de mouras encantadas, loucas de amor por cristãos, sobretudo no Castelo de Almourol em Santarém, ou nas fontes do Algarve.

Dir-vos-ei que êsse secular Portugal é um album de saudades! Cada palmo tem sua história rendilhada de segredos evocativos!

Rios que viram passar heróis ornados de pendões multicolores desfraldados ao vento, e reis cobertos de mantos dourados, à cata de aventuras. Pelas gargantas das serras, escoaram em tópel, guerreiros em demanda das hostes inimigas ou

da Terra Santa. Nas pontas das agulhas, ou no cimo das ameias, os atalaias deram o alarme, quando os romanos iniciaram a invasão da Península Ibérica, ou os Sarracenos se aproximaram, faiscando as cimitarras ao sol, sob o mando de Tarik.

Nos campos, onde hoje os trigais douram as espigas, batalhas sangrentas se desenvolveram numa violência e coragem de gigantes, tais como Aljubarrota, que Camões transfigura sublimemente, e onde o Condestável Nuno Alvares Pereira se santificou:

“Deu sinal a trombeta castelhana,  
Horrendo, fero, ingente e temeroso  
Ouviu-o o monte Ártabro, e Guadiana  
Atrás tornou as águas de medroso;  
Ouviu-o o Douro e a terra transtagana;  
Correu ao mar o Tejo duvidoso  
E as mães que o som terrível escuitaram  
Aos peitos os filhinhos apertaram”.

Tudo ressentia-se de uma infundável continuação ou sequência de cenas que felizmente a História guardou para que, esse país tão pequenino, fôsse imenso no desenrolar da sua própria e indiscutível epopéia.

A paisagem materna contribuiu para que o Português fôsse soldado, e, ao mesmo tempo, poeta. Desde os princípios da Lusitânia, a valentia foi símbolo que imortalizou os primeiros heróis: Viriato, Sertório e Pelagio. daquelas eras nos vieram as dolências que os menestres tão sentidamente influiriam na canção portuguêsã, principalmente o “fado” delícia musicada que traduz para o Português o evocar dos encantos e nostalgias da terra distante. Se o “fado” significa destino, só ela poderia adaptar-se a um povo que provocou o Destino, pralém dos mares ocultos onde reinavam os mostrengos, ou ainda, mais longe, em terras misteriosas do legendário Prestes João!

Hoje, é piedosamente que vos falarei de Portugal! Calaram-se de vez o fragor dos corcéis em desabalada pelas ribanceiras e planuras. Os pífaros dos pastores árabes, deram lugar ao dlim-dlim do gado pastando pelas encostas e outeiros. As

escaladas contra os castelos se perderam na noite da memória e dos tempos, para darem lugar às garridas desfolhadas no Minho, entre a formosura das jovens e o som de violas melancólicas. Aquela fôrça eruptiva que fêz do Lusitano um batalhador constante, se transformou em música, em amor à terra que êle venera como se adorasse um relicário. Tomaz Ribeiro, num misticismo exaltado de patriotismo, exclama:

“Meu Portugal, meu berço de inocente,  
Lisa estrada que andei, débil infante,  
Variado Jardim de Adolescente,  
Meu laranjal em flor, sempre odorante,  
Minha tarde de amor, meu dia ardente,  
Minha noite de estrêla rutilante  
Meu vergado pomar de um rico outono,  
Sê meu berço final no último sono”!

Há nesse expressar a fôrça de um amor que faz do Português escravo e senhor da sua terra. Tudo para êle é Portugal: sua vida simples, suas canções, seus encantos, sua história e valentias.

Por que, na verdade, quem nasceu em Portugal, pode-se orgulhar de ter visto a luz, num dos pontos mais privilegiados da Terra.

A claridade do sol, a temperança do clima, a pureza das águas, o azul do mar e a estonteante vegetação, tudo isso concorreu, para que fôsse graça ou prêmio, ser-se Português!

Eis quando, vem coroar êsses dotes naturais, a presença do Homem com sua boa-fé, sua hospitalidade, seu cristianismo expontâneo, visto que o Português verdadeiro é um homem bom, desde o minhoto-serrano ao algarvio-pescador.

A simplicidade de uma existência afeita à adoração da terra, fêz dêle um nostálgico, quando, por fôrça maior, é compelido a emigrar-se. E lá vai êle por êsses mares longínquos e terras estranhas, levando os olhos desbordantes de lágrimas, envolvido na magia da saudade, palavra que só se diz na lingua portugêsa. A imagem da noiva, que simboliza sua terra,

a acenar-lhe adeuses na Praia do Restêlo, repetição dos tempos das grandes Viagens e a voz do poeta Antônio Nobre declamando, num lamento de vagas, semelhante a afagos aos pés da Tôrre de Belém:

“Meninas, lindas meninas!  
Qual de vós é o meu ideal?  
Meninas, lindas meninas  
do Reino de Portugal!”

E deixando a raia-natal que êle sente, no vivo, a presença do mar, gigante que foi dominado pelos grandes marinheiros dantanho: Gil Eanes — Diogo Cão — Bartolomeu Dias!. É quando as derradeiras visões da terra vão-se esfumando na bruma envolvente da barra do Tejo que êle, Português-aventureiro, adivinha o repetir da História; orgulha-se da sua origem que lutou para enaltecer um povo. Então, surge, como um vetusto Adamastor, a voz do imortal Fernando Pessoa embargada de lágrimas:

“Ó mar salgado  
Quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!

Para te cruzarmos, quantas mães choraram  
Quantos filhos em vão rezaram  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fôsses nosso, ó Mar!

Valeu a pena?  
Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena!

Quem quer passar além do Bojador,  
Tem que passar além da Dor!  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu  
Mas nêle é que se espelha o céu!

È assim que o Português deixa Portugal! Róido de penas, ao mesmo tempo feliz por refazer as rotas marítimas que foram terminar na Volta ao Mundo com Fernão de Magalhães!

Para... depois, segurar a guitarra, instrumento com o formato do coração, no diezr dos estudantes de Coimbra, aconchegá-la ao peito e se desfazer em fados, gemidos plangentes que só êle sabe tanger e cantar, na emoção profunda da música.

Para... depois, ser vítima de recordações que não se esquecem mais: Procissões e romarias em Braga, ao Bom Jesus do Monte; — Feiras ruidosas onde o valente transmuntano maneja o cajado em sarilhos e botes que “é para deixar tudo raso”; — Barcos de restelo a conduzir o vinho da Vila Nova de Gaia para a cidade do Pôrto; — O ajuste de coisas entre serranos e ciganos, na região das fronteiras com a Espanha; — As festas com danças em grupos de moçoilas ou cachopas das províncias beiroas, lindas e rosadas como romãs; — Guitarradas de Coimbra em noites de lua e amor, pelos chopais; — O adeus das flotilhas para a pesca da sardinha e do bacalhau, sob a magia dos lamentos de Amália Rodrigues; Serenatas em Lisboa, pela Mouraria, Bairro Alto, Alfama, onde os fadistas exaltam o romantismo dos velhos tempos; — As loucuras correrias dos campinos em terras transtaganas; — As touradas violentas e finalmente a epopéia da pesca do atum no Algarve! Tudo isso regado com o bom vinho generoso, iscas, azeitonas, queijos da Serra, salpicões, mariscos e mil e um acepipes que o português inventou para se deliciar, matar saudades e canseiras do amanho da terra.

Dêsse conjunto evocativo teria de nascer algo para calar a aflição da distância. Assim, tivemos a necessidade criadora da palavra Saudade e aparecimento do “fado”, de origem puramente lusa, duas emoções que se aliaram para o enriquecimento e compreensão de um povo que ficou marcado por três virtudes: bondade, modéstia e trabalho! —

Falar-vos-ei ainda das paisagens que transformam êsse país-jardim num canteiro de flôres e bem-estar. Evocarei Sin-

tra com seu Castelo da Pena a sair das nuvens, lá no espinhaço da serra! — como se fôsse miragem de um conto árabe, para, depois de verificarmos tôda a poesia que deslumbrou Byron, descermos lentamente a encosta e demorarmo-nos uns instantes pelos Capuchinhos, já no sopé, onde os heróis vinham recolher-se, abandonando a espada das refregas, pela cruz; a bravura pela mística da piedade e da penitência.

Aí, sim, em Sintra, é que se deve esquecer tudo para se saborear a vida num caneco daquele vinho de Colares, feito para atenuar o mal dos nossos pecados.

E as florestas do Buçaco! Caramulo! Pousada que nos esperam para descançar entre vegetação luxuriante onde o verde é um bálsamo para a vista!

E deixaremos as cidades ruidosas para embrenharmos Portugal adentro. Em cada ponto mais pitoresco, um refúgio. Se fôr noite, enquanto o vento sibila nos castanheiros ou pinheirais, o estalajadeiro nos reconfortará com um suculento caldo verde ao abrigo da lareira onde as resinas perfumam o ambiente.

E ao raiar da manhã veremos terras do Minho com suas festas e trajes característicos de Viana do Castelo; — montanhas de Tras-os-Montes, onde o povo ainda mantém costumes antigos e autênticos; — o Douro rasgando gargantas a abastecer os vales e encostas de umidade, onde a videira expõe seus cachos ao sol, para depois nos oferecer o inegalável vinho do Pôrto, que consideramos bebida abençoada pela Natureza!

Veremos a Beira, poética e amena, molhando-se no Atlântico, ou fria e agreste nas suas montanhas que testemunharam cenas que a história nos legou. A Estrêmadura campezina, inundada de searas, em cada morro um moinho a vento, com suas velas em Cruz. O Ribatejo das lezirias, onde o campino impera entre manadas de touros e arrebatam os corações das môças. O Alentejo das floresta e planícies, abrindonos o caminho para o Algarve das amendoeiras em flor, em que as casinhas são cristais de brancura a espelhar-se ao sol, lembrando as cidades mouras de Norte-d'África; — Algarve com sua ponta de Sagres onde D. Henrique, o Navegador, pres-

sentiu as “terras e mares nunca dantes navegados”, numa epopéia que Luís de Camões legaria ao Mundo para manutenção do nome, da história e da lingua de Portugal!

De tudo isso vos falarei. De mais ainda, se eu soubesse melhormente vos transmitir e traduzir as evocações dessa Mãe que embalou nossos avoengos e da qual não podemos negar a raiz, a influência, a saudade e o amor.

As civilizações, Caboverdiana e Brasileira, fizeram de nós Portuguezes-no-Ultramar.

Eis porque expressamos portuguezmente.

E se um dia algum de nós tiver a ventura de aportar a Lisboa, ao desembarcar no Terreiro do Paço, pise aquê local com carinho, pare uns momentos, coloque a mão direita ao coração e diga bem alto, com destemor:

“Esta é a ditosa pátria minha amada”.

... e não há mais nada "sempre", pois que  
nem que tais de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de  
... e de "pudor" e de "castidade" de



## LITERATURA CABOVERDIANA

### I

O clima literário das Ilhas de Cabo Verde, presentemente oferece-nos aspectos diferentes daqueles que, até então, embaciavam sua estrutura artística, moldada de forma a manter uma constante de rotina, saudosismo e resignação, para, assim, quase se tornar insignificante, sem a mensagem que, por ventura, legasse aos jovens uma esperança no futuro, com os fundamentos de uma corrente literária enraizada no idioma caboverdiano.

Sabemos que não poderia deixar de ser, já que, não só houve campanha e pejo e em se expressar crioulnmente, nos núcleos estudantis, como também se constatou fuga de elementos de valor, motivada, um tanto pela conveniência, e outro pela erudição, elementos, repetimos, que poderiam ter aberto e mantido a expressão do linguajar crioulo nas Letras de Cabo Verde, há mais tempo e com outra amplitude.

Houve, é certo, o fator afastamento que contribuiu para que a maioria se sentisse incapaz de transcrever os anseios, nem comungar com as emoções do homem-povo, votado, às mais das vêzes, à incuria e à esterilidade locais, função de ciclos e situações.

A maioria, também, tentou assuntos literários numa base oscilante, se não falsa, já que pouquíssimos se infiltraram na massa de plebe, para, assim, se depararem com a dificuldade de traduzir para o português, os sentimentos, riquezas e substratum do falar da mãe-terra, na sua expressão mais autêntica e popular.

Pôsto isso, e antes de prosseguirmos nesta análise, há que escutar a gente de Cabo Verde, quer seja nos acordes da sua música própria, quer nas produções literárias quaes todas marcadas por uma nostalgia que vem de muito longe, já que o Caboverdiano se convenceu de que é um saudoso endêmico, meio fatalista — meio supersticioso, e, o que é nefasto, culti-

vou como mérito esta decadência de que já é tempo de se alijar, para não sossobrar.

Há que, no entanto, compreendê-lo, na hora presente, através dos raros autênticos que procuram transmitir para mais longe, a expressão e notícias de uma das regiões mais curiosas, sob ponto de vista literário e técnico, localizadas na ourela da África.

Tem-se a impressão de existir um fenômeno estranho, talvez bio-psicológico, a avolumar-se nessa massa humana, sempre imbuída de uma ânsia de realização, que em boa hora vem chegando, ou, por vêzes, sentimos a desilusão de cada ilheu perante a natureza que votou êsse conjunto de penhas a contingências negativas quase sempre.

Eis por que o Caboverdiano tolera, acompanha e exalta o aflorar dos seus irmãos, seja na ternura e característica das "mornas", seja ainda sob qualquer outro motivo criador, constantemente à espera do "Filho da Terra" que o dignifique efetivamente, libertando-se sem favores, para se colocar no clima literário moderno, com o assento que bem merece e ninguém mais pode ignorar.

A razão, em nosso entender, que originou essa tendência, tem bases primordiais na Estiagem, com cenários de padecimentos aniquilados grupos humanos com subsequentes modalidades dramáticas que passaram a ser aceites cíclicamente.

De longa data houve uma constante dolorosa na vida do crioulo, resignadamente sofrida, quase fatalmente esperada, sem queixumes. Mais tarde, a evolução despertando a consciência, motivou inconformismos, ou, ainda, impulsos para a sobrevivência. Isso veio causar a emigração, em parte. Os que não puderam fazê-lo constituíram o núcleo do qual rarissimos conseguiram legar-nos algumas obras, e, até mensagens de criouldade, realmente aproveitáveis.

Poderemos dividir o Setor das Letras Caboverdianas — data vênia — em três grupos:

I — MESTRES  
II — DESILUSÕES  
III — ESPERANÇAS

Destacando sòmente a essência positiva de cada um, como mensagem-valor, sem preocupar-nos com variantes de ordem secundária ou inexpressiva.

**MESTRES:** — Os que ficarão permanentes nas Letras de Cabo-Verde. Líder dos Mestres, Pedro Cardoso, o mais telúrico dos que pugnaram para que o Crioulo, como instrumento linguístico, tivesse lugar oficial nas expressões: falada e escrita, e daí proviesse o fundamento de um linguajar Caboverdiano derivado do português continental, embora enraizadamente arcaico. Seu esforço, pode-se considerar igual àquele que Mário de Andrade desenvolveu na literatura brasileira, e, João Guimarães Rosa, hoje, seu mais legítimo continuador, prossegue nas suas obras extraordinárias. Fóra de dúvida, Pedro Cardoso, se isolou, naquele tempo; podemos dizer, destacou-se, incompreendido, numa época em que, se tivesse conseguido corrente e colaboração além-mares, resultaria para o tesouro linguístico português o patrimônio de uma língua: a caboverdiana, retrato do português da época dos primeiros descobrimentos lusos. Em Pedro Cardoso devemos homenagear um símbolo, idêntico ao Trovador Eugénio Tavares. Ambos sabiam, ambos sentiam que a tradução do crioulo para o português era deturpar a riqueza emotiva da prosa ou da poesia, se, incompreendido, numa época em que, se tivesse conseguido fôsse através da declamação, fôsse através da música.

**BALTAZAR LOPES:** — Sua obra máxima, até agora, é: “O Dialecto crioulo de Cabo-Verde”, um monumento ímpar na Filologia Portuguêsa. Verifica-se, cientificamente a quase realização do sonho de Pedro Cardoso. Dela os estudiosos, sobretudo os novos, poderão retirar energias para diversas finalidades que facilitem melhoria no conhecimetno do Caboverdiaon, suas raizes, sua índole e seus anseios mais legítimos.

Baltazar Lopes, foi esquecido na hora deslumbrante da sua carreira, motivo que caducou o desenvolvimento e expansão total da sua erudição, êle, um dos alunos prediletos do Mestre Leite de Vasconcelos. Seja como fôr, basta a publicação desse léxico para que fique destacado como o nosso maior expoente sabedor da "trônclidade" Caboverdiana.

Deve-se-lhe o penhor da realização de uma obra feita na modéstia, silencia e sapiência de um que consideramos um Mestre, e, é-o de fato.

ANTÔNIO AURÉLIO GONÇALVES: — Salienta-se como nosso primeiro filósofo. Investigador e crítico literário, com parcimônia tem enriquecido a literatura local. A essência erudita que o caracteriza, conseguiu suprir o pouco que até hoje pôde publicar. Ainda, entretanto, não explorou a veia que de fato, não só domina mas, também faz escola: a Filosofia.

Analista com perfeito equilíbrio, seus trabalhos sobre o meio caboverdiano destacam-se pela consciência que o autor tem dos problemas da terra e do homem com quem lida diariamente.

Pensador, Antônio Aurélio Gonçalves, situa-se como o principal mentor de que o Caboverdiano urgentemente carece, para se guiar na moderna literatura.

De natureza modésta, faltou-lhe estímulo, para projeções que ultrapassassem as raias naturais. Nêle reside fonte, para, em tempo útil, as Letras de Cabo-Verde se enriquecerem com um estudo fundamental que traga contribuição para nossa realidade intelectual e o conhecimento do escritor crioulo, além-terras.

DESILUSÕES: — Os que receberam todo o apoio e carinho da terra. Os que tinham e têm condições para satisfazer as mais pressantes esperanças e se aboletaram insignificamente com um pálido destaque, para serem autênticas falhas na Literatura Caboverdiana, ou ainda vítimas de circunstâncias que os superaram, desanimando-os.

JORGE BARBOSA: — Iniciou atuação nas nossas letras com poemas vigorosos, colorido local, até com tímidos arroubos de numanismo. Houve época em que se destacou qual pirilampo, para, depois se eclipsar numa monotonia e repetição de motivos, retrocesso até. Ficamos com a impressão de se ter operado em Jorge Barbosa dois fatares: primeiro, desânimo; segundo, carencia imaginativa e comodismo ambiente.

FELIX MONTEIRO — É doloroso constatar em Félix Monteiro aquele que não foi e poderia ter sido o nosso mais abalizado etnólogo, portanto um elemento de importância destacante, para facilitar o estudo e conhecimento do Caboverdense. Intelizmente, fazendo-se precioso, talvez com razão, dêle só possuímos alguns apontamentos que não contribuíram para seu destaque na nossa literatura antropológica, como valor, ou mensageiro. No campo do folclore, Felix Monteiro se revelou o mais competente, em estudos publicados na Revista "Clari-  
dade", estudos que se fôsem ampliados se colocariam na vanguarda do que se precisa saber sobre o Caboverdiano. Não nos conformamos com o silêncio de Felix Monteiro, e ainda é tempo.

NUNO MIRANDA: — Versátil, é Nuno Miranda outra desilusão que tivemos. Descaiu em apreciações precipitadas e imaturas sobre Cabo-Verde, com retratos inautênticos da própria gente e meio, em folhetos conformistas. Atitude de Nuno Miranda é perigosa, por ser falsa. Temos o pressentimento que se trata de um amedrontado a escrever para outrem aquilo que na realidade não sente, por que Nuno não pôde fugir à terra de que faz parte integrante.

TEIXEIRA DE SOUZA: — O mérito de Teixeira de Souza é ser nutricionista, justamente numa região onde sua especialidade e veia artística poderiam confluir para um substancioso trabalho fundamentalmente humano. Como escritor, seu valor não se confirmou. Como cientista não nos deu a obra que viesse servir de padrão e recurso nutricionista para bem da gente

de Cabo-Verde, nomeadamente nos anos de subnutrição. Como crioulo, êsse seu dever. Sua estagnação é contra os dotes que detêm e sabemos que sabe e pode abrilhantar.

**JAIME DE FIGUEIRÊDO:** — Formação vidrenta, exigências precoces, para o meio ambiente. Desenhador doentio com esplêndidas esculturas feitas a bico-de-pena. Natureza arrevezada, irreverente, por vêzes, Jaime de Figueirêdo foi um animador da Revista Claridade que Baltazar enriqueceu com inteligência e arte. Curioso saber-se que Jaime agitou o meio literário Caboverdiano para a realização de um movimento neo-regionalista e por fim veio mirrar-se e cair em indeferentismo, numa hora que tanto seu caráter influiria, com o poder e clareza da sua crítica imparcial, na formação de jovens escritores para a consciência de uma literatura regional sem artificios ou arranjos nocivos.

**TOMAZ MARTINS:** — Poeta nôvo, romântico, conhecedor das próprias virtudes, com raízes humanas fincadas na terra crioula, sua terra. Seus méritos toldaram-se com a emigração. Desajustado, não escreveu mais; — quem sabe, seus dramas íntimos! — Perdemos nêle um companheiro com predicados de inatacável capacidade. Tomaz deve ter sofrido. Só assim explicamos a sepultura viva em que se deixou enterrar, êle um intelectual tão jovem, tão cheio de promessas!

**JOÃO LOPES:** — Analisámo-lo como um elemento curioso. Autodidata com formação humanística, João Lopes, certamente é o intelectual que mais de perto conviveu com o crioulo-irmão. Sabedor de todos os nossos problemas, faltou-lhe paciência para expô-los, debatê-los e corrigi-los. Entusiasta por Caboverdianismo, tudo quanto escreveu lembra uma saudade de estudante. Nada para legar aos povos e à terra. Magnífico argumentista, João Lopes lembra um contrariado que se tornou visionário consciente.

Seu valor como folclorista, mereceu-lhe convite de Artur Ramos, para estudos em conjunto.

ESPERANÇAS: — Os que inesperadamente surgiram do silêncio, e, mesmo desapoiados, revolucionaram as matrizes. Os que, quase anônimos, refletem a personalidade de um povo que se qualifica. As novas esperanças das Letras Caboverdianas são a única força viva e crescente, com autenticidade para situar nossa literatura no âmbito internacional. Trata-se de verdadeiro renascimento cultural de uma região atlântica.

TEOBALDO VIRGINIO: — Talvez seja nosso maior impressionista com estilo próprio, sem influência de escolas nem tendência orientadas. A crítica do Português Álvaro Salema, um pouco exagerada, condiciona-o como expoente na nossa literatura, se continuar o caminho iniciado na evocação. Desaprovamos em parte. Teobaldo Virginio é alguém, mesmo não prosseguindo o trilho saudosista; queremos dizer, trata-se de um jovem escritor ecológicamente Caboverdense, dominando o ambiente e suas variedades, sem condicionalismo que agrade a este ou aquele.

Seu estilo é saído do povo, expressando-se como tal, marcado com o padecer e ansiedade da sua terra. “Distância” seu segundo livro, qualifica-se como o melhor, até hoje, oficialmente registado na literatura ultramarina.

GABRIEL MARIANO: — Figura destacante no ensaio e estudo sobre Cabo-Verde, Mariano tem veia de investigador que muito sabe e pode literatizar o crioulo. Jornalista desempoeirado, tem sobre si a ameaça de ser envolvido pela auréola do silêncio, se não continuar a publicação de seus estudos característicos.

MANOEL LOPES: — Nosso melhor romancista. Também nosso grande poeta. Os trabalhos de Manoel Lopes primam por uma seriedade que se impõe. Seus livros “Chuva Braba” e “Frigelados do Vento Leste”, refletem Cabo-Verde e suas variantes, para daí se fazer um estudo de introspecção. Da mesma escola de Baltazar, Manoel Lopes é um obcecado pela melhoria e dignificação do Homem Caboverdiano. Possui dotes

para representar a terra em qualquer meio literário, saindo da humildade e silêncio excessivos em que vive. Seu último livro "Crioulo e outros poemas" é uma confirmação palpitante.

ONÉSIMO DA SILVEIRA: — Verdadeiro iconoclasta, que, em boa hora, protestou e despedaçou o círculo vicioso em que se vivia literariamente em Cabo-Verde, a maioria se bajulando na distribuição de cortezias recíprocas. Onésimo feriu velhos e moços, consciente de afastar o pieguismo envolvente que entorpecia, talvez por desânimo, a nossa literatura.

Temos nêle um analista independente. Sua crítica sôbre o movimento literário de Cabo-Verde, resultou em autêntico saneamento mental do qual a moderna literatura crioula só tem a ganhar.

ARNALDO FRANÇA: — Com predicados para se elevar no setor da crítica, possui Arnaldo França, e, peca se o não fizer, categoria para enriquecer nossas letras. Filia-se no grupo das Esperanças que nêle depositamos, visto que, consciente dos dotes pessoais muito vem contribuindo para a unificação dos escritores irmãos.

OVIDIO MARTINS: — O mais audacioso dos nossos modernos poetas. Lembra Pedro Cardoso com seus ideais para integrar o idioma de Cabo-Verde na literatura. Escritor combativo imbuído profundamente de mística Caboverdiana, Ovidio é um forte apoio que possuímos e sabe o lugar que merecemos no conceito das Letras do Ultramar.

MANOEL FERREIRA: — Escritor Português, que se tornou emotivamente Caboverdense. Até agora, "Hora di Bai" seu melhor livro, testemunha-o. A maioria dos trabalhos publicados, baseia-se na Constante Caboverdiana, avolumando-se para fazer de Manoel Ferreira aquêle que mais tem escrito e agido para bem de Cabo-Verde. Irmão-mensageiro, quando regressar à nossa terra e conviver mais intimamente com a gente, visitando tôdas as ilhas, então escreverá a "Obra" por que an-



ciosamente esperamos. Saudamos Manoel Ferreira, como também Sérgio Fruzoni, ambos apaixonados por Cabo-Verde.

Prosseguindo esta análise, diremos que não desconhecemos e não deixamos de acompanhar os esforços de muitos jovens que são nomes-promessas: Terencio Anahony — Mário Fonsêca — Corsino Fortes — Dulce Almada — Rolando Martins — Abílio Duarte — Amiro Faria — Dante Mariano — Jorge Pedro Barbosa — Felisberto Vieira Lopes e queijandos.

São ainda cintilações tremeluzindo em que a promessa não significa esperança certa. Para êles, contudo, nossa maior, nossa única esperança, para um Cabo-Verde mais culto, mais arejado e consciente.

## II

Dessas considerações destaca-se, portanto, a evidência de uma civilização e literatura atlânticas com fundamentos Caboverdianos, de raízes telúricas já definidas, quer seja na prosa, quer na poesia, ou ainda na música, presentemente o seu melhor meio de irradiação.

A estatística literária das Ilhas de Cabo-Verde é reduzida, se levarmos em conta o tempo decorrido para se chegar à situação atual. É evidente que várias condições contribuíram para essa espécie de letargia em que predominava o poeta submetido ao suplício das rimas, em detrimento da poesia espontânea e livre, ou, o literato desconhecendo, talvez fugindo, a influência das correntes modernas.

As escolas nos chegaram do romantismo luso-brasileiro, que, mais ainda, se desenvolveu num ambiente fechado, dolorido de lamentos, saudades e resignações místicas. Foi assim que, durante mais de um século se vegetou num dobar de prantos e suspiros, sem qualquer significação literária que merecesse a pena de ser lembrada.

Com o evento dos movimentos realista e seguidamente neo-realista, chegou-nos do Brasil — verdade seja dita — a notícia de livros extraordinários que relatavam exatamente nossas emoções e vida, quase escritos por advinhos, que, sem te-

rem ido a Cabo-Verde, desenvolviam tudo quanto já palpitava no sentir dos intelectuais Caboverdenses e só esperava a primeira fagulha para eclodir.

Lembramos, a título informativo, os seguintes Escritores Brasileiros que foram a chave da nossa revelação literária: Nina Rodrigues — José Lins do Rêgo — Manuel Bandeira — Jorge Amado — Raul Bopp — Graciliano Ramos — Jorge de Lima — Aluizio Azevêdo — José Américo — Mário de Andrade — Raquel de Queiroz — Gilberto Freire — Ribeiro Couto — Armando Fortes — Artur Ramos — Marques Rebelo, etc. etc.

Daí resultaram publicações de escritores de Cabo-Verde, emparelhando-se modestamente, à medida das possibilidades ilhoas, com as obras da moderna geração Portugal-Brasil; temos, assim: — “Chiquinho”, de Baltazar Lopes; — “Pródiga” e outros contos de Antônio Aurélio Gonçalves; — “Chuva Braba” e “Flagelados do Vento Leste”, de Manuel Lopes; — “Distância” de Teobaldo Virginio; — “Arquipélago” e “Ambiente” de Jorge Barbosa; — “Poemas” de Pedro Cardoso; — “Caminhada” de Ovidio Martins; e, por último “Famintos” e “Clima” de Luis Romano; — os mais recentes de que temos notícias merecendo valor como obras de ficção que possam destacar um grupo para estudos de investigação literária e antropológica no Atlântico.

Fóra isso, não mencionamos uma substanciosa coletânea de assuntos publicados em revistas e cadernos, tais como: poemas — contos — ensaios — conferências — e críticas, quase tudo imbuído da constante e preocupação para que seja conhecido o merecimento artístico de Cabo-Verde e seus valores humanos mais representativos.

Essas obras, devidamente analisadas, traduzem, na sua maior parte, a tendência para o enriquecimento do vocabulário e escrita com termos Caboverdianos, termos geralmente provenientes do Português dos meados de mil quatrocentos a mil e quinhentos em diante, muitas vezes já em desuso em Portugal e ainda vigentes com abundância nas minhas Ilhas Arsinárias, nalgumas regiões do Brasil, em outras províncias

ultramarinas, para terminarem na península de Macau, lá nos confins da Ásia.

Tratando-se de importante patrimônio linguístico, é que o Mestre Baltazar Lopes, provou, através da Filologia, com o seu "Livro" que o idioma de Cabo-Verde "é um linguajar suficiente", merecendo considerações e apoio de ordem científica para se chegar a admiti-lo, não como dialeto, mas como língua na qual se expressam cem mil indivíduos "in loco", e, aproximadamente, mais dois terços espalhados pelo Mundo, com a faculdade de nela se abordarem assuntos de ordem geral, ou técnica, e que, para mais, serve de veículo para qualquer pessoa se entender sofrivelmente e sem maiores dificuldades, com os elementos humanos que vivem no litoral africano, desde a costa da Guiné até Angola, continuando por Moçambique — Ceilão — Antiga Índia Portuguesa, Costa de Malabar e Macau, sem nos esquecermos de que há vestígios do "crioulo" na Guiana Holandesa, ainda vigentes.

Há alguns anos missionários francêses tiveram de mandar traduzir para o linguajar de Cabo-Verde, as suas preces em livrinhos que distribuíram aos nativos da Guiné Francêsa, limitofe com as possessões portugêsas, por terem verificado a eficiência desse dialeto no ambiente negro que pretendiam catequizar. Existe portanto maior facilidade, hoje, no intercâmbio com grupos daquelas paragens, graças ao Caboverdiano, melhor que o próprio falar portugês moderno, simplesmente porque prevalece ainda, na costa Africana, antigamente pertence da Côroa Portuguesa, o sêlo linguístico que os navegadores lusos aí deixaram, sob forma dialetal, e que constitui uma espécie de língua-passaporte, ante o intrincado falar de origens diversas, que prejudicam e estorvam a troca de contatos entre povos da faixa litorânea da África.

Já o Mestre Leite de Vasconcelos se intessara pelo falar de Cabo-Verde no seu "Esquisse d'une dialectologie portugaise", sem ampliar, como fêz Baltazar Lopes, o campo e recursos expressivos dessa riqueza glotológica de origem incontestavelmente portugêsa, com pequenas intromissões de outras raízes, a latejar nas Ilhas do Arquipélago de Cabo-Verde,

talvez uma das mais fecundas e curiosas fontes para melhores pesquisas filológicas que interessem os que estudam e descobrem as maravilhas da lingua de Camões.

Foi, principalmente, o neo-realismo luso-brasileiro que ajudou o escritor Caboverdense a se revelar e ter consciência dos próprios méritos. De Portugal a influência, embora rica de motivos e lições, não foi tão principal. Nisso a literatura Brasileira se evidenciou mais irmã, sugestiva, ultramarina, destacando-se a do Nordeste, que se amolda tão paralelamente aos nossos "casos" e "estórias".

Grande número de poemas já se escrevem e são declamados em crioulo de Cabo-Verde, numa intraduzível riqueza de sons, recursos e imagens locais, sem o receio de se estar traindo o português vernáculo.

Os namorados de minha terra se compreendem melhormente assim, porque o sabor das juras é mais autêntico. Nossos estudantes ao regressarem de Portugal, já formados ou nomeados professôres, expressam-se com naturalidade, crioulnmente, na fase amorosa, quando a noiva é da mesma terra, e a maioria sem esquecer ou descurar o emprêgo da lingua portuguêsã, obrigatória nos estabelecimentos de ensino, repartições públicas e reuniões seletas ou acadêmicas, dá livre vazante a voz do arquipélago, entre o povo, em casa, no linguajar que aprendeu com os pais, irmãos e criados, desde o berço, e depois consolidou no ambiente natural, onde não prevalecem exageros rácicos, mas sim uma fraternidade de grupos pertencentes à mesma família. Em Cabo-Verde, o Europeu ou o Africano, ou ainda qualquer homem de que região fôr, encontra acolhimento franco e relaciona-se, fundindo-se imediatamente nos grupos locais.

Há porém um fato curioso que desperta a atenção do estudioso dos nossos assuntos: todo o Caboverdiano escreve à noiva, cartas de amor, no melhor português que souber. Os homens do povo, agricultor ou marinheiro, nessa fase empregam os vocábulos mais curiosos e imagens extraordinárias da escrita portuguêsã que conhecemos, os quais estamos coligindo para serem publicados mais tarde.

Todo o Caboverdiano, quando zangado, se explica invariavelmente em português, mesmo sendo analfabeto, numa variante de desabafos, impropérios e arranjos peculiares, para, depois de serenado, continuar falando crioulo como se não tivesse havido mudança expressiva.

Pergunta-se, houve então insuficiência de termos locais? Não; o caboverdiano dirá que o português representa ainda autoridade e nela se refugiou instintivamente por ter sido sua língua alicerce, com virtudes para demonstrar persuasão emotiva no primeiro caso, e vigor expressivo no segundo.

Eis porque de todas as regiões ultramarinas, por onde passou o Lusitano o falar de Cabo-Verde tem um lugar de honra e contribuição para melhoria da Filologia Portuguesa. Sua raiz revive uma parcela da imagem do "Portugal d'outras éras" e vem levantar o problema de se poder oficializar uma língua nova, a Língua Caboverdiana, com características "sui generis", a exemplo da galega, da catalã ou da provençal.

Assim se realizará o sonho de Pedro Cardoso, que, conseguiu, fazer récitas e imprimir em crioulo vários poemas através do

jornal "Manduco", onde desabafava seu ardor de polemista. Só assim se terá, sem artifícios, a possibilidade de conhecer a civilização de uma família humana, que se tornou um povo, estudar sua origem histórica, seu rumo, já que é tempo de recuperar o que se perdeu no silêncio dos anos.

E se a língua representa o retrato de uma terra, há que se esmerar para que ela seja cópia fiel de quem a utiliza, expulsando os recursos falsos de uma tradução nunca perfeita, ou ainda os ornamentos desnecessários de uma adaptação circunstancial.

Se a literatura caboverdiana, não possui, até hoje, um patrimônio de vulto e valor, foi porque existiu, de permeio, parecidos, a dificuldade de transcrever para o português, repetimos,

aquilo que se sentia e se pensava no dialeto, motivando com isso um obstáculo importante a impedir o desenvolvimento e a aceitação do Caboverdiano, como língua falada ou escrita.

Os intelectuais da minha terra que se impregnaram mais da influência metropolitana, por sua vez se sentiram irrealizados ou inibidos, ao escrever em português, vecto dominante.

Suas imagens, descrições ou qualquer variante com o predomínio da ficção, note-se, pecaram pela falsidade e miscelânea, uma vez que o obstáculo entre os dois elementos étnicos e as mentalidades, sob ponto de vista linguístico, se traduziam em conceitos que não eram genuinamente portuguêses, nem verdadeiramente ultramarinos. Veja-se, por exemplo os trabalhos de: Januário Leite — José Lopes — Guilherme Ernesto — Mário Leite — José Inocêncio Silva — Beleza e outros sofrendo do mesmo mal e desajusto.

Já que o estilo é o homem, nada mais temos a dizer, senão meditar e pugnar para que cada um seja de fato aquilo que é, sem vergonha da sua origem, sua terra e seu futuro.

No meio de todo êsse agitar, surge, então, o maior veículo gráfico de que dispomos para levar o Linguajar Caboverdiano para além-mares-e-terras: sua música através da “Morna” e “Coladeiras”. Trata-se de cantigas próprias de Cabo-Verde. Pelo seu intermédio é que se iniciou a escrita crioula da minha terra, aceite por todos, em versos, quadras e poemas até agora desconhecidos da Filologia, porque, infelizmente, antes de Baltazar Lopes, pouco ou nenhum valor se deu, quanto merece, ao dialeto Caboverdiano, oficialmente, salvo ligeiros apontamentos dispersos.

Aparece a figura de Eugênio Tavares, que entra em órbita como um dos nossos melhores trovadores. Suas “mornas”, ainda presentes, estão difundidas sobretudo na América do Norte, onde a maioria ficou impressa em discos para regalo dos nossos emigrantes.

E, salta-nos a pergunta: se o Falar Caboverdiano é apreciado em trovas e vários assuntos musicados; se êle expressa perfeita e suficientemente aquilo que o meu conterrâneo sente e deseja exteriorizar; se êsse falar, sob forma de canção, entra em programas radiofônicos da Emissora Nacional Portuguêsa, e é compreendido por todos, que razão existe para que não se desenvolva em âmbito didático, com fundamentos científicos, essa lingua atlântica de raiz lusa mais que qualquer outra, para que seu povo possa usá-la com desembaraço em tôdas as modalidades e circunstâncias que não sejam, sòmente, “experiências românicas nos trópicos”, utilizando uma frase do Mestre Baltazar Lopes?

À medida que a evolução trabalha para o concretimo dessa experiência falada, nosso único e melhor embaixador escrito e fonético continúa sendo a “Morna” Caboverdiana, já que ela é cantada principalmente em províncias ultramarinas de Portugal e em tôda a parte onde estiver um filho de Cabo-Verde. Devido a isso, um sem número de motivos regionais passou a fortalecer essa poesia sonora. A difusão de discos com Música Caboverdiana, quer seja na Metrópole, América do Norte, Senegal, Argentina, quer em outras localidades da terra onde vive nossa gente, é bastante avultada, se levamos em conta as dificuldades de ordem técnica no Arquipélago.

No Brasil, há também, sobretudo em núcleos caboverdianos do Rio — Santos e São Paulo, bom número de gravações que lhes são enviadas, últimamente, de Cabo-Verde, o que não deixa de ser de alto significado. Não existe, porém, sua irradiação fóra da intimidade, visto tratar-se de música que o Caboverdiano escuta religiosamente no recolhimento da família, para matar saudades da terra. Louvamos, e não podia deixar de ser, o gesto da Emissora Nacional Portuguêsa, que inclui nos seus programas, algumas “mornas”, para refrigério de tantos patrícios distantes e nostálgicos. Estamos desatualizados, por falta de melhores contatos com Cabo-Verde, para anunciar os valores poéticos que se exteriorizam por intermédio da “morna”, já que ela não é mais do que um poema cantado. Sabemos que

uma autêntica geração nova de artista está trabalhando instintivamente para consolidar ao Caboverdiano um caminho firme de porvir artístico, digno de um povo cheio de recursos intelectuais, geralmente mais aproveitados no estrangeiro.

Se a literatura de Cabo-Verde tem semelhança com a do Nordeste Brasileiro, sem que haja nisso influência direta ou decalque de moldes, foi porque ambas as regiões se caracterizam no clima, nas estiagens e assemelham-se etnicamente na emoção dos seus habitantes.

O Nordeste: um Cabo-Verdiano no Brasil, tal é o paralelo que os liga e o tronco que os une.

Precisamente isso veio revelar, por mais incrível que pareça, a nosso ver, paridades entre as duas músicas: Caboverdiana com a morna e Brasileira com as modinhas, lunduns e tanguinhos que nos deixam embevecidos ante tamanha fraternidade, se nos valermos das toadas que vigoraram no Nordeste há alguns anos decorridos, de 1880 a 1920, conforme opinião dos Mestres: — Câmara Cascudo e Osvaldo de Souza.

No campo linguístico perdura aqui também, embora com menor intensidade, a presença de termos arcaicos portugueses, que pacientemente estamos colhendo, confrontando-os com o Caboverdense, matéria para outros estudos que serão revelados mais tarde.

A razão do nosso esforço é divulgar a presença de uma literatura atlântica, de expressão originalmente portuguesa, definida por características que passaram a ser próprias de Cabo-Verde e que só encontraram paralelo na região mais portuguesa do Brasil, em nosso entender, o Nordeste, também importante recheio de tesouros intelectuais, no passado, no presente, e certamente no futuro. Em nome da cultura, apelamos por quem de direito fôr e emoção tiver, para que folcloristas, etnólogos e musicólogos se encaminhem para Cabo-Verde a fim de recolher um patrimônio de riquezas quase virgens ainda, na mira de melhor servir o conhecimento necessário entre os homens de boa vontade.



# COLEÇÃO MOSSOROENSE

## SÉRIE A (TRABALHOS MIMEOGRAFADOS)

- Volume I — Família Camboa — Francisco Fausto de Souza  
Volume II — Mossoró — (Informações Gerais sobre o Município) — Assis Silva  
Volume III — Os Selvícolas Brasileiros e o Preformismo — Vingt-un Rosado  
Volume IV — Caicó — José Leite  
Volume V — Relatório de uma Pesquisa sobre o Padrão de Vida de Mossoró — José Leite.

## SÉRIE B (FOLHETOS)

- Número 1 — Um possível caso de Telegonia entre os nossos Indígenas, mencionado por Anchieta — Vingt-un Rosado  
Número 2 — O Culto de Baraúna — Aduato da Câmara  
Número 3 — Minhas Memórias de Santa Luzia do Mossoró — João Jacinto da Costa  
Número 4 — Um Precursor Mossoroense do Cooperativismo — Vingt-un Rosado.  
Número 5 — Façamos outro Trinta de Setembro — América Fernandes Rosado  
Número 6 — Relation between Galton's Atavistic Inheritance Law and the Zoothecný Notation-Translation by — América Fernandes Rosado — Vingt-un Rosado.  
Número 7 — Pousos e Poços — Felipe Guerra  
Número 8 — Subsídios para a história da Estrada de Ferro Mossoró — Eng. Luiz Saboia.  
Número 9 — Cordélia Silva — Santa Guerra  
Número 10 — Da Igualdade Perante a Lei — Edgard Barbosa  
Número 11 — Três Discursos — Vingt-un Rosado.  
Número 12 — Mossoró no Século XIX — Francisco Fausto de Souza  
Número 13 — Família Guilherme de Melo — Francisco Fausto de Souza  
Número 14 — Sobre a Dança de S. Gonçalo — Assis Silva  
Número 15 — Notas à Margem da Abolição — Jorge Freire  
Número 16 — Estrada de Ferro de Mossoró ao Rio São Francisco — Felipe Guerra.  
Número 17 — A Serviço de Mossoró — Jerônimo Vingt Rosado Maia  
Número 18 — O Drama da Derrocada — Tércio Rosado Maia  
Número 19 — Dez Temas de Folclore — Tércio Rosado Maia  
Número 20 — Escolha de um local para Açude Público no Vale do Rio Upanema — Dr. Guilherme Browne.  
Número 21 — Mossoró, 1954 — Dorian Jorge Frerier  
Número 22 — O Porto de Areia Branca e seu Parque Salineiro — Luiz Fausto de Medeiros.  
Número 23 — A Serviço de Mossoró — Jerônimo Vingt Rosado Maia  
Número 24 — Negociantes e Mercadores — R. Nonato  
Número 25 — Estrada de Ferro de Mossoró — João Ulrich Graf  
Número 26 — Notícia Histórica de Catolé do Rocha — Celso Mariz  
Número 27 — A Serviço de Mossoró. — Jerônimo Vingt Rosado Maia  
Número 28 — Carta Aberta aos Bispos do Nordeste — Tércio Rosado Maia  
Número 29 — Por uma Reforma de Base — Tércio Rosado Maia  
Número 30 — Capítulos de História Mossoroense — Prof. Manoel de Almeida Barreto.

- Número 31 — Mossoró e seus Educadores — João Batista Cascudo Rodrigues
- Número 32 — Dez Temas de Genética — Vingt-un Rosado
- Número 33 — Controvérsias em Torno de uma Carta Régia — Vingt-un Rosado
- Número 34 — A Formação Cacimbas e o Grupo Apodí — Vingt-un Rosado
- Número 35 — Roderic Crandall e Mossoró — Vingt-un Rosado
- Número 36 — Lund, Branner, Dreyfus — Vingt-un Rosado
- Número 37 — Conversa Sôbre a Paleontologia da Região de Mossoró — Vingt-un Rosado
- Número 38 — O Colégio de Antônio Gomes, Centro Pioneiro da Educação Secundária em Mossoró e sua Região — João Batista Cascudo Rodrigues
- Número 39 — A Serviço de Mossoró — Joaquim Felício de Moura
- Número 40 — A História da Arte Musical em Mossoró — D'alva Stella Nogueira Freire
- Número 41 — Alguns Dados Genealógicos Sôbre a Família Rosado — Vingt-un Rosado
- Número 42 — Para a História da COMEMSA — Joaquim da Silveira Borges Filho
- Número 43 — A Serviço de Mossoró — Jerônimo Vingt Rosado Maia
- Número 44 — A Geologia e suas Relações com a Geografia Econômica da Região de Mossoró — Vingt-un Rosado
- Número 45 — Geologia e Riquezas Minerais da Região de Mossoró — Luciano Jacques de Moraes
- Número 46 — Três Crônicas sôbre o Treze de Junho — Vingt-un Rosado
- Número 47 — Dois Irmãos — Vingt-un Rosado
- Número 48 — A Serviço de Mossoró — Antônio Rodrigues de Carvalho
- Número 49 — Dez Anos na Vida de uma Biblioteca — Raimundo Soares de Souza
- Número 50 — O Museu Municipal de Mossoró, numa Síntese Histórica — João Batista Cascudo Rodrigues
- Número 51 — Os números índices no calculo do custo de vida na cidade de Mossoró (1956 — 1964) — Jerônimo Vingt-un Rosado Maia
- Número 52 — Nota Preliminar sôbre a Paleofauna de Gangorinha, no Cretácico do Rio Grande do Norte — Antônio Campos e Silva
- Número 53 — A Avoante — P. Huberto Bruening
- Número 54 — Minhas Memórias da Estrada de Ferro de Mossoró — Pedro Leopoldo
- Número 55 — A Família do Padre Miguelinho — Luís da Câmara Cascudo
- Número 56 — Novas Ocorrências Fossilíferas nos Estados do Rio Grande do Norte e Ceará — Lélia Duarte e Rubens da Silva Santos
- Número 57 — Estrutura Econômica do Rio Grande do Norte — Aroldo de Azevedo
- Número 58 — Observações Geo-Paleontológicas no Cretáceo do Rio Grande do Norte e Ceará, com descrições de Amonóides — Karl Beurlen
- Número 59 — Imagens de Mossoró — Nilo Pereira
- Número 60 — Uma Faculdade em Três Dimensões Históricas — João Batista Cascudo Rodrigues
- Número 61 — Estudo Sedimentológico e Paleontológico do Perfil das Minas de Gipsita — Mossoró (RN) — Aldo Cunha Rebouças (no prélo)
- Número 62 — Fósseis do Arenito Agú — Lélia Duarte e Rubens da Silva Santos
- Número 63 — Joaquim Bezerra da Costa Mendes, um Abolicionista Cearense em Mossoró — Cônego Francisco de Sales Cavalcanti
- Número 64 — Duas Áreas da Região de Mossoró de interesse para as Pesquisas de Petróleo — Antônio Natércio de Almeida
- Número 65 — Alimentação dos trabalhadores de Gipsita — Vingt-un Rosado
- Número 66 — A Abolição, Festa da Inteligência — Vingt-un Rosado
- Número 67 — Depoimento sôbre Jerônimo Rosado — Eliseu de Oliveira Viana
- Número 68 — Conversa sôbre um Hospital — Vingt-un Rosado

- Número 69 — Terra e Gente de Mossoró — R. Nonato  
 Número 70 — Dois Depoimentos sôbre Martins Vasconcelos — R. Nonato e Cosme Lemos.  
 Número 71 — Pedro Leopoldo — Vingt-un Rosado.  
 Número 72 — Uma Aplicação Mossoroense do Teste t de Significância — Jerônimo Vingt-un Rosado Maia.  
 Número 73 — O Teste Qui Quadrado no Parâmetro Sexual, num exemplo da Maternidade Almeida Castro, de Mossoró. — Jerônimo Vingt-un Rosado Maia.  
 Número 74 — Um Mossoroense Pioneiro do Cooperativismo no Rio Grande do Norte — Cônego Francisco de Sales Cavalcanti  
 Número 75 — Um Espírito Rochdaleano no Rio Grande do Norte — Maria Conceição de Oliveira (no prelo).  
 Número 76 — Um Mossoroense Pioneiro do Cooperativismo — José Gomes  
 Número 77 — Aspectos do Sal, na História e na Antropologia Cultural, Através dos Tempos — Luís Romano Madeira de Melo.  
 Número 78 — Rondon em Mossoró — Vingt-un Rosado  
 Número 79 — Algumas Medidas Mossoroenses de Estatística — Eliza Falcão Freire e Maria do Carmo Fernandes.  
 Número 80 — Francisco Rosado de Almeida — Vingt-un Rosado.  
 Número 81 — Evocação de Portugal e Presença do Brasil na Literatura Caboverdiana — Luís Romano Madeira de Melo  
 Número 82 — D U Ó — Luís da Câmara Cascudo.  
 Número 83 — Em Defesa da Sobrevivência do Instituto Brasileiro do Sal — Dix-huit Rosado.

#### SÉRIE C (LIVROS)

- Volume I — Terra Nordestina, Problemas, Homens e Fatos — José Octávio P. Lima.  
 Volume II — Notas e Documentos para a História de Mossoró — Luiz da Câmara Cascudo.  
 Volume III — Lampião em Mossoró — Raimundo Nonato  
 Volume IV — Obras Completas — José Martins de Vasconcelos  
 Volume V — Figuras e Tradições do Nordeste — R. Nonato  
 Volume VI — Apontamentos Sôbre a História do Ginásio Diocesano Santa Luzia de Mossoró — Rio Grande do Norte — Cônego Francisco de Sales Cavalcanti.  
 Volume VII — São João do Sabugá — Alberto Mendes de Freitas.  
 Volume VIII — Bacharéis de Olinda e Recife — Raimundo Nonato.  
 Volume IX — O Aprendiz de Camelô — Jaime Hipólito Dantas (custeado pelo Instituto Cultural do Oeste Potiguar).  
 Volume X — A Várzea do Açú — Pasquale Petrone.  
 Volume XI — A Mulher Brasileira — Direitos Políticos e Cíveis — João Batista Cascudo Rodrigues (custeado pelo Instituto Cultural do Oeste Potiguar).  
 Volume XII — A Zona do Pôr do Sol — Raimundo Nonato.  
 Volume XIII — A Fauna do Calcário Jandaíra da Região de Mossoró (Rio Grande do Norte) — Karl Beurlen.  
 Volume XIV — O Drama de uma Época — Pedro Leopoldo  
 Volume XV — Abusões do Nordeste — R. Nonato (no prelo).

II — **BOLETIM BIBLIOGRÁFICO** — Número 1 a 153 (Setembro de 1948 a Março de 1961).



Composto e Impresso  
na  
EDITORA COMERCIAL S/A  
Mossoró — RN.

Imposto e Liberto  
na  
EDITORA COMERCIAL S.A.  
Lisboa - 12



